

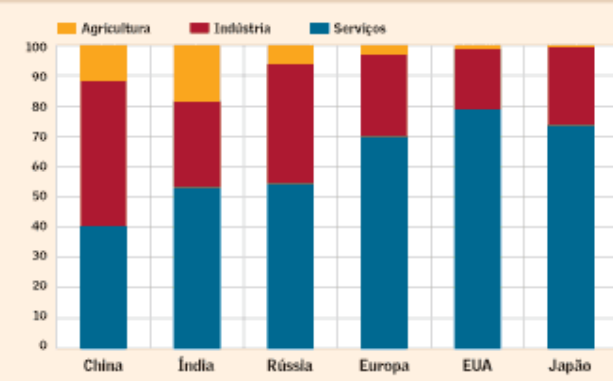
As três cabeças do dragão

Por Luiz Carlos Mendonça de Barros, José Roberto Mendonça de Barros e Paulo Pereira Miguel
Valor Econômico, 12/11/2007

Após cinco anos de crescimento global quase sem precedentes na história econômica documentada, a desaceleração da economia americana aumentou a incerteza em relação à continuidade deste excepcional momento. Afinal, durante décadas, a liderança dos EUA para a prosperidade mundial dificilmente poderia ser contestada, em função de sua posição de consumidor de última instância da produção global. É natural, portanto, que os economistas tenham se acostumado a usar grande parte de seu tempo tentando entender a dinâmica na economia americana, como atalho para antecipar os destinos globais. A grande novidade, que tem ficado muito clara desde o ano passado, é que não é mais possível pegar atalhos para entender a economia mundial. Isso porque há um novo ator fundamental, que tem uma dinâmica própria e muito diferente da de um país desenvolvido: a China.

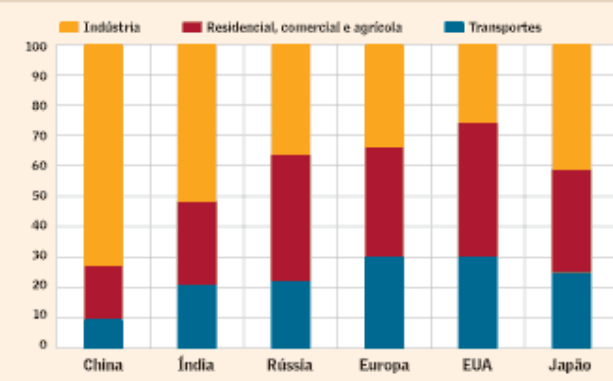
O crescimento da China tem sido tão fenomenal, em uma lógica de convergência acelerada para níveis de renda per capita mais altos, que tem arrastado o resto da Ásia e, cada vez mais, todos os países que de alguma forma tenham algum papel a desempenhar neste processo. O ciclo econômico chinês existe, mas tem se dado ao redor de uma tendência de crescimento muito forte. A seqüência, ano após ano, ao longo de quase três décadas, de taxas de crescimento próximas a 10% ao ano gerou massa crítica suficiente para tornar a China o novo pólo dinâmico global. A China ainda é menor - e continuará sendo ainda por muito tempo - que os EUA em termos absolutos, mas a velocidade de crescimento é tal que sua contribuição para a expansão da economia mundial já é maior que a dos EUA.

PIB por setor
 Comparação entre países — 2005 Gráfico 1



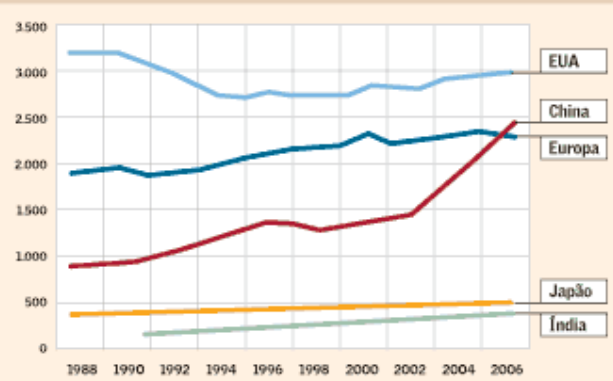
Fonte: Agência Internacional de Energia (AIE)

Demanda energética
 Por setor, em vários países — 2005 Gráfico 2



Fonte: Agência Internacional de Energia (AIE)

Demanda energética
 Em milhões de toneladas equivalentes de óleo Gráfico 3

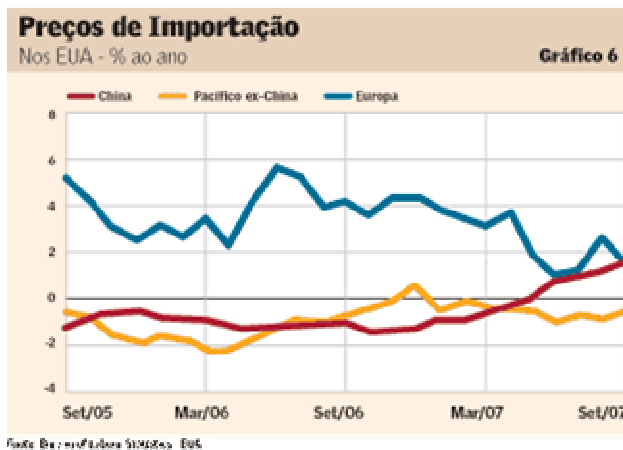


Fonte: Agência Internacional de Energia

Ameaça para muitos, oportunidades para outros, entender a questão chinesa é fundamental para qualquer planejamento estratégico, no nível empresarial ou nacional. O trabalho é tão mais difícil quanto mais o país progride e muda, também com grande velocidade, condicionado pela rápida urbanização. É interessante para a análise ilustrar a China como um dragão de três cabeças.

A primeira cabeça é a que devora vorazmente quantidades antes inimagináveis de energia, matérias-primas industriais e, cada vez mais, commodities agrícolas. Os preços relativos das commodities cresceram e é razoável esperar que se mantenham altos por muito tempo. No caso de energia, por exemplo, o perfil de consumo chinês ainda é muito voltado para o setor industrial e apenas agora a parcela destinada ao transporte e à infra-estrutura comercial e residencial, majoritária em países de renda mais alta, começa a ganhar espaço. A convergência do perfil de consumo chinês para o de países mais desenvolvidos e o forte investimento em infra-estrutura - que tem acelerado no interior do país com dezenas de milhares de quilômetros de rodovias em construção - implica grande crescimento da demanda de energia nos próximos anos.

A AIE estima que em 2006 a demanda chinesa ultrapassou a da Europa e deve atingir o nível dos EUA na próxima década, muito mais rápido do que havia estimado em 2002. Na parte de commodities metálicas, o mesmo acontece. Outro aspecto de importância fundamental da primeira cabeça devoradora de commodities é uma industrialização de base rápida e altamente poluidora, que já tem mobilizado os estrategistas chineses para o aumento da eficiência no uso de energia e matérias-primas.



As oportunidades para empresas bem posicionadas para fornecer estes produtos são enormes, transformando cadeias industriais inteiras, e, de forma mais ampla, mudando da água para o vinho os termos de troca, o padrão de inserção internacional, o perfil do balanço de pagamentos e o ambiente económico de inúmeros países.

A expansão das cadeias de recursos naturais é muito mais ampla do que se imagina, pois inclui grande crescimento de produtividade, novos produtos (bioenergia, álcoolquímica etc.) e serviços (TI aplicada, pesquisa e serviços ligados à biotecnologia, petróleo, entre outros). A imensa maioria dos novos

investimentos no Brasil está nestas cadeias. Apenas na área de bioenergia são esperados investimentos de US\$ 20 bilhões nos próximos cinco anos. O movimento global por energia limpa e desenvolvimento com menor impacto ambiental oferece oportunidades para o Brasil.

Sob o ponto de vista macroeconômico, o Brasil é talvez um dos exemplos mais ricos do poder de um súbito aumento da demanda mundial e dos termos de troca para alterar a dinâmica de uma economia, mesmo em um ambiente de paralisia institucional. A virtual eliminação da secular fragilidade do balanço de pagamentos, com a concomitante valorização e redução da volatilidade da moeda nacional, tem sido o fator preponderante para a economia brasileira. No ambiente empresarial, a resposta de parte da indústria - agribusiness, mineração, siderurgia etc - é extremamente rápida e eficiente, sendo estes setores os ganhadores claros da nova dinâmica global.

A segunda cabeça é a que produz bens manufaturados, em elevada escala e com baixo custo. Inicialmente focada em manufaturas leves, a China inundou o mundo nos anos 80 e 90 com produtos têxteis, eletroportáteis e bens de consumo de baixo e médio valor agregado, provocando um efeito deflacionista global que apenas agora começa a perder força (mais sobre isso à frente). Isso significa menor poder de preços para as empresas brasileiras, obrigando-as a mudar a visão estratégica, com foco em volume de vendas, consolidação setorial e investimento (o mercado de capitais tem sido ferramenta essencial para esta mudança).

Após o susto inicial, a indústria brasileira tem respondido a este desafio, internacionalizando suas fontes de suprimentos (inclusive com investimentos no exterior), visando reduzir custos de produção. Mas este movimento de abertura da economia e das empresas só tem sido possível por conta do aumento da capacidade de importação, derivada do choque favorável no setor de commodities, que expõe número crescente de setores à maravilha da globalização no mercado de bens (antes a globalização era entendida - e para muitos ainda é - apenas através do canal financeiro) e contribui para reduzir a volatilidade da economia e alongar os horizontes de planejamento empresarial. Novas teias de distribuição emergem, com densidade e amplitude que apenas comecem a tomar corpo. Há desafios e muitos perdedores, mas também temos visto muitos casos de sucesso entre os que entendem a nova realidade, mesmo sob condições assimétricas de competição.

Mas a segunda cabeça do dragão não pára nos bens manufaturados de baixo e médio valor agregado. A China está deixando de ser uma plataforma de montagem e tem galgado rapidamente novas etapas de sofisticação industrial, tornando-se um duro competidor global em bens de consumo de maior valor (automóveis, eletrônica de consumo de alto nível) e bens de capital (material de telecomunicações, equipamentos etc), enquanto as exportações de manufaturados leves (têxteis, por exemplo) perdem participação. Os gastos em R&D na China hoje só são superados pelos Estados Unidos. Também ocupa espaços crescentes em cadeias de conhecimento e serviços, antes 100% dominadas pelo Ocidente, envolvendo pesquisa, design industrial e marketing. O upgrade na produção requer máquinas mais sofisticadas, alegremente supridas por Japão e Alemanha, mas desta festa o Brasil participa pouco. Este movimento é bem mais recente e trará novos desafios para a estrutura industrial brasileira, fortemente concentrada nos setores de sofisticação média.

A desaceleração americana forçará a China a redirecionar seu esforço comercial, e isso já está acontecendo. O acordo de livre comércio com o Chile assinado em 2006 é mais uma evidência da estratégia chinesa: não fizemos a saída para o Pacífico, mas a China está fazendo a entrada para o Atlântico e o Brasil sofrerá maior pressão competitiva daqui para frente. Por outro lado, há nichos claros que podem ser explorados pelo Brasil na área de design e marketing.

A terceira cabeça do dragão é a mais recente, com grande espaço de crescimento, e representa a população da China como grande consumidora global. A incorporação de dezenas de milhões de pessoas ao ano no mercado de trabalho e o rápido crescimento da renda per capita indicam que a China como mercado consumidor é uma realidade cada vez mais próxima.

O setor produtivo local terá muita dificuldade em atender a demanda em inúmeros setores e as oportunidades para o Brasil são enormes. Claramente o agrobusiness será vencedor, mas há oportunidades em muitos outros setores não tão óbvios e hoje vistos por muitos como perdidos. A crescente classe média demandará produtos de sofisticação intermediária, que podem ser fornecidos pelo Brasil. Por exemplo, sapatos de 70 dólares, alimentos prontos para consumo etc.

Ou seja, das três cabeças, duas são claramente benéficas para o Brasil. Mas a cabeça maléfica poderá ser muito poderosa, especialmente nos próximos anos. É necessário entendê-la e enfrentá-la.

Por fim, há ainda os desafios estruturais para a economia global. A emergência da China por enquanto tem sido um fator de estabilidade e confiança, como mostra o descolamento cada vez mais claro do resto do mundo em relação à desaceleração da economia americana. Mas a China tem seus riscos próprios. Tornou-se comum nos últimos meses considerar que a força deflacionista chinesa estaria no fim, ou mesmo teria terminado. Tal avaliação decorre principalmente do fato dos preços das importações dos EUA vindas da China terem deixado de mostrar deflação. A elevação da demanda de alimentos também é vista como um risco importante. Por fim, o mercado de trabalho estaria ficando menos folgado, elevando os custos trabalhistas chineses, apesar do contínuo ganho de produtividade na economia.

Em nossa opinião, esta é uma forma incompleta de enxergar o problema, pois leva em conta apenas a variação do preço dos bens exportados pela China e deixa de considerar o mais importante: que o nível de preços destes mesmos bens pode diferir bastante dos produzidos em outros países. O nível de preços em mercados com grande concorrência acaba por convergir para o produtor com o menor custo marginal. Mesmo que o custo marginal deste produtor seja crescente, enquanto tal custo for inferior ao de um produtor em outro país, o preço global deste produto continuará a cair.

Este é o caso da China hoje, que tem experimentado custos marginais crescentes, como é natural em um processo de convergência de renda para níveis mais altos, mas que ainda são muito inferiores aos dos países desenvolvidos e de outros emergentes. O resultado é preços globais ainda cadentes ou estáveis na maioria dos produtos industriais exportados pela China, mesmo com preços chineses em alta. Particularmente interessante é a contínua deflação dos preços de importações americanas vindas do restante do chamado cinturão do Pacífico, que basicamente inclui todo o Leste e Sudeste Asiático, no caso excluindo a China. A redução da inflação das importações americanas vindas da Europa também é incrível, tendo em vista a contínua apreciação do euro nos últimos anos, que, tudo o mais constante, deveria levar os europeus a buscar aumentos de preços para suas exportações (como tem sido o caso das empresas brasileiras). Mas nada está constante e a competição global é feroz em quase todos os segmentos industriais. Por fim, mesmo o temor de custos salariais crescentes parece injustificado, a não ser em algumas categorias específicas. Isso porque o aumento da produtividade continua muito forte, implicando custos de trabalho por unidade produzida ainda cadentes.

Em suma, apesar das incertezas, acreditamos que a China ainda será uma força deflacionista por alguns anos. Mesmo assim, há riscos cíclicos importantes, dados pela interação do fenômeno chinês com a economia global, que não podem ser

desprezados. Um deles é o impacto da desaceleração americana no setor exportador chinês, que acreditamos ser pequeno e minimizado pela conquista de market share em outros países. Outro risco grave e que deve ser monitorado com atenção é a emergência de pressões inflacionárias mais generalizadas na China e na Ásia em geral, que certamente demandaria uma resposta de política econômica e abalaria o cenário atual de crescimento acelerado.

Para o Brasil a lição é só uma: o perfil de nossa indústria e da economia vai mudar, mas não haverá desindustrialização. O que poderá haver são oportunidades perdidas e, neste sentido, a resposta estratégica do Brasil ao dragão ainda é incompleta. Uma visão ampla dos desafios e oportunidades é fundamental. É hora de olhar para o futuro e não de recriar o passado.

Luiz Carlos Mendonça de Barros e Paulo Pereira Miguel são economistas da Quest Investimentos

José Roberto Mendonça de Barros é economista da MB Associados

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.